



REUNIR:
Revista de Administração,
Ciências Contábeis e
Sustentabilidade

www.reunir.revistas.ufcg.edu.br



ARTIGO ORIGINAL¹

Práticas de Sustentabilidade Adotadas pelas Vitivinícolas dos Vales da Uva Goethe em Santa Catarina

Sustainability Practices Adopted by the Wineries of the Valle of Uva Goethe in Santa Catarina

Prácticas de Sostenibilidad Adoptadas por las Bodegas de Valle da Uva Goethe en Santa Catarina

Andréia Cittadin² e Fabricia Silva da Rosa³

PALAVRAS-CHAVE

Sustentabilidade Empresarial.
Proatividade Ambiental. Indústria Vinícola.

Resumo:

O artigo tem o objetivo de investigar as práticas de sustentabilidade das vitivinícolas dos Vales da Uva Goethe. O estudo foi realizado mediante pesquisa descritiva e estudo de caso, com análise qualitativa. Para coleta de dados utilizou-se entrevistas semiestruturadas aplicadas com gestores em três vitivinícolas associadas à ProGoethe, que contemplou aspectos relacionados as características das vitivinícolas, do processo de gestão e das práticas de sustentabilidade nas dimensões ambiental, sociocultural e econômica. Os resultados mostraram que essas organizações apresentam características semelhantes em termos de estrutura e de gestão e cumprem as exigências legais e normativas no que se refere à sustentabilidade empresarial. Conclui-se que para ser uma vitivinicultura sustentável de fato é preciso ir além dos cumprimentos dos requisitos legais e incorporar práticas de sustentabilidade proativa na estratégia e cultura organizacional.

KEYWORDS

Corporate sustainability.
Environmental Proactivity.
Wine industry.

Abstract:

The article aims to investigate the sustainability practices of vitiviniculturalists in Valle da Uva Goethe. The study was carried out through descriptive research and case study, with qualitative analysis. For data collection, semi-structured interviews were applied with managers in three winegrowers associated with ProGoethe, which included aspects related to the characteristics of winegrowers, the management process and sustainability practices in the environmental, socio-cultural and economic dimensions. The results showed that these organizations have similar characteristics in terms of structure and management and comply with legal and regulatory requirements regarding corporate sustainability. We conclude that in order to be a sustainable vitiviniculture, in fact, it is necessary to go beyond compliance with legal requirements and incorporate proactive sustainability practices in organizational strategy and culture.

¹ Instituição Responsável: Universidade Federal de Campina Grande

² UNESC, e-mail: aci@unesc.net

³ UFSC, e-mail: fabricia.rosa@ufsc.br

PALABRAS CLAVE

Sostenibilidad corporativa.
Proactividad ambiental. Industria del vino.

Resumen:

El artículo tiene como objetivo investigar las prácticas de sostenibilidad de los vitivinicultores en Valle da Uva Goethe. El estudio se realizó mediante investigación descriptiva y estudio de caso, con análisis cualitativo. Para la recopilación de datos, se aplicaron entrevistas semiestructuradas con gerentes en tres viticultores asociados con ProGoethe, que incluyeron aspectos relacionados con las características de los viticultores, el proceso de gestión y las prácticas de sostenibilidad en las dimensiones ambiental, sociocultural y económica. Los resultados mostraron que estas organizaciones tienen características similares en términos de estructura y administración y cumplen con los requisitos legales y reglamentarios con respecto a la sostenibilidad corporativa. Concluimos que para ser una vitivinicultura sostenible, de hecho, es necesario ir más allá del cumplimiento de los requisitos legales e incorporar prácticas proactivas de sostenibilidad en la estrategia y cultura de la organización.

Introdução

A humanidade está passando por problemas relacionados a sustentabilidade ambiental, tais como, mudanças climáticas devido as emissões de gases efeito estufa; poluição ambiental pelo escoamento de fertilizantes artificiais; perda de biodiversidade causada pela extração de madeira e transformação de florestas em fazendas e pastagens; e esgotamento dos principais recursos fósseis, como petróleo, gás, carvão e das águas. Além das ameaças ambientais, tem-se o crescimento da população, que poderá agravar a crise da fome, e o desafio da inclusão social, que se intensificou pelo aumento da desigualdade social, igualdade de gênero e dos grupos minoritários étnicos, religiosos e raciais (Sachs, 2012).

Nos últimos 30 anos houve um grande avanço nas discussões sobre o desenvolvimento sustentável (Salvia, Leal Filho, Brandli & Griebeler, 2019). A ONU (Organização das Nações Unidas) participou ativamente dos fóruns de discussão realizados sobre essas questões e, em 1987, por meio da publicação do Relatório “*Our Common Future*” (Nosso Futuro Comum), o tema sustentabilidade passou a fazer parte das agendas governamentais e empresariais do planeta (Diaz-Sarachaga, Jato-Espino & Castro-Fresno, 2018; Salvia *et al.*, 2019).

A sustentabilidade é norteada pelo conceito da *Triple Bottom Line* (Tripé da Sustentabilidade), que foi desenvolvido por John Elkington, e contempla as dimensões ambiental, econômica e social (Christ & Burritt, 2013b).

Destaca-se que as preocupações com o desenvolvimento sustentável também são pertinentes ao setor vinícola e as regiões onde estas empresas estão inseridas, uma vez que a produção de uva e fabricação de vinho também são responsáveis pelos impactos ambientais e mudanças do clima devido ao uso de produtos químicos, como inseticidas, fungicidas e herbicidas, que contaminam o solo e as águas, e pelos resíduos gerados (Sampedro, Sanchez, Lopez & Gonzalez, 2010).

A decisão dos produtores de vinho em adotar práticas sustentáveis no processo produtivo pode ser motivada tanto por fatores internos como externos à organização (Steur, Temmerman & Canavari, 2019). Os fatores internos referem-se aos aspectos estratégicos e monetários, como vantagem competitiva, qualidade do produto e maiores lucros. De modo geral, os fatores externos estão vinculados às pressões das partes interessadas, conformidades regulatórias e demanda do consumidor (Steur *et al.*, 2019).

Nesse contexto, Valenzuela e Maturana (2016) observam que as exigências dos consumidores de alimentos e bebidas em relação à qualidade dos insumos utilizados, padrões trabalhistas e impactos ambientais gerados pela fabricação dos produtos, estão crescendo.

Em relação ao vinho nota-se interesse dos consumidores por produtos sustentáveis. Contudo, muitas vezes eles não estão dispostos a pagar um preço superior para este tipo de produto, principalmente pelas dificuldades de identificar as características de sustentabilidade, assimetria informacional e pela falta de credibilidade das vinícolas na divulgação das práticas de sustentabilidade (Merli, Preziosi & Acampora, 2018).

No âmbito nacional a atividade vitivinícola abrange cinco regiões, a saber: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Sul de Minas, São Roque (Estado de São Paulo) e Vale de São Francisco. O maior volume de fabricação de vinho encontra-se na região Sul do país, tendo em vista as condições climáticas mais favoráveis para a vinicultura (Academia do Vinho, 2018).

No Estado de Santa Catarina (SC) a atividade vinícola concentra-se em duas sub-regiões, Planalto Catarinense e Vales da Uva Goethe (Academia do Vinho, 2018). Os Vales da Uva Goethe abrangem área entre as encostas da Serra Geral e o litoral sul catarinense, e compreende os municípios de Urussanga, Pedras Grandes, Cocal do Sul, Morro da Fumaça, Treze de Maio, Orleans, Nova Veneza e Içara (ProGoethe, 2016). Nessa região, entre outras variedades, é cultivada a uva Goethe, uma mistura de uvas americanas e europeias, que se adaptou as condições climáticas e do solo no sul de SC (ProGoethe, 2016).

Os projetos, programas e demais iniciativas que visam o desenvolvimento sustentável na indústria do vinho são balizadas, sobretudo, na questão ambiental, apesar do conceito de sustentabilidade ser norteado pelos pilares: ambiental, econômico e social (Correia, 2015; Merli *et al.*, 2018). As pesquisas sobre sustentabilidade na indústria do vinho ainda encontram-se desarticuladas e as evidências são escassas, principalmente, no que se refere ao uso das informações ambientais pelas vitivinícolas (Christ & Burritt, 2013a).

Estudos anteriores sobre sustentabilidade na produção de vinhos enfocaram as seguintes abordagens: mensuração de sustentabilidade empresarial tridimensional aplicado em vinícolas (Callado, 2010); revisão da literatura sobre as principais preocupações ambientais de vinícolas (Christ & Burritt, 2013a); adoção de práticas sustentáveis e produção biodinâmica (Rauta, Fagundes & Sehnem, 2014); pressões institucionais em relação ao gerenciamento de práticas ambientais (Borges, Dutra & Scherer, 2014); práticas de gestão ambiental (Correia, 2015); desempenho ambiental (Lopes, 2015); estratégia de produção e comercialização de vinhos e sucos orgânicos (Britto, 2016); e implementação de práticas sustentáveis (Merli *et al.*, 2018). Em específico aos Vales da Uva Goethe foi encontrado apenas a pesquisa de Réus, Zilli e Vieira (2016), que buscou identificar práticas ambientalmente sustentáveis na produção em uma vinícola integrante dos Vales da Uva Goethe.

Diante disso, surge a seguinte questão de pesquisa: Quais as práticas de sustentabilidade são adotadas nas vitivinícolas dos Vales da Uva Goethe? O objetivo geral dessa pesquisa consiste em investigar as práticas de sustentabilidade das vitivinícolas dos Vales da Uva Goethe.

No campo teórico, a realização dessa pesquisa se torna oportuna devido a ausência de estudos relacionados à sustentabilidade na produção de vinhos abrangendo as três dimensões: ambiental, econômica e social. Logo, pode apresentar novos elementos para discussões sobre as abordagens econômica e social. Além disso, a compreensão do estágio em que as vitivinícolas encontram-se frente à sustentabilidade traz contribuições à temática, pois, de modo geral, ainda não há um entendimento dos fatores que impulsionam e transformação sociambiental das empresas (Marshall, Cordano & Silverman, 2005).

A importância econômica e cultural proveniente da produção do vinho reforça a relevância de estudos sobre as práticas e instrumentos de gestão ambiental adotadas pelas vitivinícolas na busca de compreender e minimizar os impactos ambientais pertinentes a essa atividade (Correia, 2015; Lopes, 2015). Com isso é possível garantir que vitivinicultura permaneça sustentável, nos aspectos econômico e ambiental, no presente e no futuro (Christ & Burritt, 2013a). Espera-se

que o estudo também possa beneficiar os produtores de vinho no que se refere ao aprimoramento da gestão sustentável, tendo em vista que a manutenção da sustentabilidade dos empreendimentos oportuniza o surgimento de novos negócios e, assim, contribui para o desenvolvimento econômico da região.

A indústria vitivinícola apresenta importância significativa no contexto cultural, pelas raízes e extensão geográfica, bem como na dimensão socioeconômica (Correia, 2015). Além disso, como o vinho é uma das principais bebidas apreciadas nas refeições, ele favorece o convívio social, oportunizando a congregação de pessoas para o lazer e expansão cultural, principalmente da região em que o vinho é originário. Acredita-se que a sociedade também se beneficiará com os resultados da pesquisa, uma vez que a vitivinicultura é uma atividade que contribui para o desenvolvimento econômico, demográfico e cultural de determinada localidade (Amaral, 2000; Lopes, 2015), nesse caso a região dos Vales da Uva Goethe.

Este artigo está estruturado em cinco seções incluindo essa introdução. A segunda seção aborda conceitos sobre sustentabilidade empresarial e na produção de vinho. A terceira seção trata da metodologia aplicada para o desenvolvimento da pesquisa; a quarta traz a descrição e análise dos dados; e a quinta seção apresenta as considerações finais, limitações da pesquisa e sugestões para futuros estudos.

Elementos teóricos da pesquisa

A discussão da temática sustentabilidade passou a ser recorrente nas esferas acadêmica e social, tendo em vista a crescente conscientização da sociedade sobre as questões e problemas socioambientais, bem como com a preocupação do uso indiscriminado dos recursos naturais, geração de resíduos, melhoria da qualidade de vida e sobrevivência das gerações futuras (Britto, 2016).

A partir da década de 1970 as preocupações com o meio ambiente refletiram na mobilização da sociedade em prol da preservação ambiental. Por meio da ONU foi proposta a Primeira Conferência Mundial sobre o Homem e o Meio Ambiente, que tratou de temas relacionados à necessidade de preservação e proteção do meio ambiente, no ano de 1972 em Estocolmo na Suécia (Christ & Burritt, 2013b).

Em 1987, a Comissão Mundial de Meio Ambiente e Desenvolvimento (WCED) publicou o Relatório "*Our Common Future*", também conhecido como "Relatório *Brundtland*", que definiu o termo desenvolvimento sustentável como "desenvolvimento que atende às necessidades das gerações atuais sem comprometer a capacidade de atender às necessidades das gerações futuras" (Christ & Burritt, 2013b).

Com a publicação desse relatório a abordagem da sustentabilidade ultrapassou o aspecto ambiental, voltando-se a criação de sistemas e políticas públicas e privadas que almejem o equilíbrio social e econômico. Essa nova perspectiva foi norteada pelo conceito da *Triple Bottom Line* (Tripé da Sustentabilidade) elaborado pelo inglês *John Elkington* (Pereira, Silva & Carbonari, 2011).

Observa-se que o termo sustentabilidade é norteado por três dimensões ou abordagens: a) ambiental, que considera os aspectos relacionados aos

recursos naturais e os impactos das ações das empresas sobre esses recursos; b) econômico, que se refere ao desempenho econômico e financeiro da organização e o bem-estar social do indivíduo e da região onde está inserida; e, c) social, que visa à equidade de distribuição de renda e redução das desigualdades sociais (Callado, 2010).

Ao se tratar de sustentabilidade é importante também levar em consideração a dimensão espacial e cultural, pois tornam o processo de desenvolvimento sustentável mais rico e diversificado, resultante da interação social em determinado espaço, com bases culturais no decorrer do tempo, com finalidades econômicas, obedecendo às instituições reconhecidas e considerando a manutenção do estoque ambiental existente (Barbieri & Cajazeira, 2009; Silva, 2006).

O conceito sustentabilidade empresarial contribui para os negócios se tornarem cada vez mais sustentáveis, pois a medida em que a empresa proporciona valor aos seus acionistas, também pode investir na educação, cultura, lazer e justiça social ao meio em que está inserida, ou seja, à comunidade em que se localiza contribuindo para seu desenvolvimento (Vellani & Ribeiro, 2009).

No que se refere à sustentabilidade ambiental, geralmente a indústria do vinho é considerada ambientalmente correta, porém vinculadas a essa atividade há adversidades ambientais (Callado, 2010). A atividade vitivinícola está associada a vários problemas ambientais no ciclo de vida do vinho, tais como: a rápida expansão do cultivo de matérias-primas e produção em muitas regiões destruindo os habitats, a biodiversidade, poluindo e contaminando o meio ambiente; nível excessivo de agrotóxicos utilizados; geração excessiva de resíduos e falta de reutilização destes; consumo de grande quantidade de energia e deliberação excessiva de gases com efeito estufa à atmosfera; o uso excessivo de recursos hídricos, entre outros (Cholette & Venkat, 2009; Christ & Burritt, 2013a).

De acordo com Wine Institute (2010 como citado em Callado, 2010) na dimensão social os benefícios estão atrelados à saúde e bem-estar dos funcionários das vinícolas e seu entorno; melhoria do relacionamento com consumidores, instituições reguladoras e governamentais. A sustentabilidade econômica, segundo Wine Institute (2010 como citado em Callado, 2010), está associada à viabilidade da terra e do negócio em um período de longo prazo, redução de custos, melhoria da qualidade do vinho, obtenção de certificação e ingresso no mercado internacional.

Na fabricação do vinho as principais preocupações pertinentes à sustentabilidade ambiental estão relacionadas ao uso e a qualidade da água, geração de fluxos de resíduos orgânicos e inorgânicos, uso de energia, emissões de gases de efeito estufa, o uso de produtos químicos, uso da terra e o impacto nos ecossistemas (Christ & Burritt, 2013).

Ainda não há um consenso mundial sobre sustentabilidade para o setor (Merli *et al.*, 2018). Para a OIV (Organização Internacional da Videira e do Vinho, 2011 como citado em Merli *et al.*, 2018) se define vitivinicultura sustentável aquela que contempla em sua estratégia sistemas de produção que incorporem sustentabilidade econômica, produtos de qualidade, riscos com o meio ambiente, segurança dos produtos, saúde dos consumidores, além da valorização do patrimônio, da história e cultura.

Porém, as vinícolas consideradas sustentáveis não tem a obrigatoriedade de usar o mesmo conjunto de práticas e padrões para divulgar seus métodos (Fanasch & Frick, 2020). As definições de vinhos orgânicos são diferentes entre países, mas devem passar por uma inspeção de certificação regularmente e, de certo modo, é permitido o uso de

substâncias naturais, como sal, enxofre, óleos vegetais (Fanasch & Frick, 2020). A fabricação de vinho biodinâmico é norteadada por uma abordagem integrada que considera a vida na Terra, as influências astrológicas e os ciclos lunares (Fanasch & Frick, 2020), abrange princípios ecológicos, sociais, técnicos, culturais e econômicos (Rauta *et al.*, 2014).

Em geral, a produção de vinhos orgânicos ou biodinâmicos está associada a custos mais elevados e menor rendimento (Fanasch & Frick, 2020). No entanto, os resultados do estudo de Rauta *et al.* (2014) apontaram, sob a ótica da gestora da vinícola, que o processo biodinâmico não apresenta custos adicionais em relação à produção tradicional e, em uma perspectiva de longo prazo, podem diminuir pela redução do uso de defensivos.

Por sua vez, os achados de Correia (2015) indicam divergências de opinião entre os entrevistados quanto aos custos de produção biológica e biodinâmica em relação à convencional. A maioria dos respondentes acredita que os custos de fabricação são mais elevados, além da menor procura por parte dos consumidores por vinhos biológicos e biodinâmicos (Correia, 2015). Fatores como incertezas quanto ao desenvolvimento da uva, condições climáticas e de estabilização do produto, também, foram citados pelos pesquisados (Correia, 2015). Ademais, a produção biodinâmica requer a correta aplicação da técnica e constante acompanhamento do vinhedo para evitar riscos como pragas, por exemplo (Rauta *et al.*, 2014).

Nota-se que é preciso que sejam realizadas análises sobre eficiências de custos e ganhos de qualidade do produto, pois estes elementos incentivam as práticas de gestão ambiental (Marshall *et al.*, 2005).

O conceito de sustentabilidade ultrapassa a produção orgânica, biodinâmica ou integrada, pois incorpora aspectos da cultura, história, tradição, que são características de um produto de qualidade (Merli *et al.*, 2018). No que se refere a implementação de um Sistema de Gestão Ambiental (SGA), Lopes (2015) destaca que é possível controlar os impactos das atividades oriundas da produção do vinho, pois este sistema permite definir políticas ambientais para o alcance dos requisitos legais, estabelecer e revisar objetivos e metas e comunicá-los a todos os membros da organização.

Cabe destacar que a indústria do vinho tem a oportunidade de se posicionar estrategicamente, tendo em vista que o mercado está cada vez mais orientado para a sustentabilidade e os consumidores mais conscientes para a aquisição de produtos sustentáveis (Christ & Burritt, 2013a). As preocupações de cunho ambiental e o desenvolvimento sustentável do setor vinícola são fundamentais para o desenvolvimento de vantagens competitivas (Lopes, 2015). A obtenção de diferenciação pode estar relacionada à capacidade de inovar, planejar, no uso dos recursos ou na possibilidade de gerar oportunidades (Rauta *et al.*, 2014).

Para Ateş Bloemhof, Van Raaij e Wynstra (2012) a possibilidade de melhoria do desempenho e desenvolvimento e manutenção de vantagem competitiva são fatores que impulsionam à adoção de estratégia ambiental proativa. A estratégia ambiental proativa pode ser conceituada como ações de caráter ambiental que ultrapassam o cumprimento das exigências legais (Ateş *et al.*, 2012). É caracterizada como um conjunto de objetivos, planos e

procedimentos de cunho ambiental adotados pelas organizações, que buscam antecipar respostas as questões ambientais (Ateş *et al.*, 2012).

Pela adoção de estratégias ambientais proativas são estabelecidos procedimentos e rotinas organizacionais que podem contribuir com o alcance de metas ambientais (Sangle, 2010). Essa forma de atuação ambiental é classificada por Ryszko (2016) como proatividade ambiental, em virtude da adoção de medidas voluntárias para reduzir o impacto ambiental. As estratégias incluem esforços internos para definir políticas e objetivos ambientais, delimitando padrões para treinamento de funcionários, realização de auditoria ambiental e redução de custos ambientais (Sangle, 2010).

A adoção de boas práticas ambientais proativas pode promover a implementação de instrumentos de controle ambientais, como por exemplo, ecologia industrial, ecoeficiência, *ecodesign* e análise do ciclo de vida dos produtos (Lopes, 2015). A incorporação de práticas e princípios de gestão ambiental ao planejamento organizacional contribuiu para a diminuição dos danos ambientais, preservação dos recursos naturais, desenvolvimento socioeconômico e qualidade de vida das pessoas (Rauta *et al.*, 2014).

Por outro lado, exige mudança na cultura organizacional e requer o envolvimento de todos os membros da organização, de modo que gerentes e funcionários estejam engajados na garantia da eficácia de práticas ambientais (Ateş *et al.*, 2012). A obtenção da sustentabilidade trata-se de um processo longo, que requer mudança e envolvimento das partes interessadas para garantia de sua eficácia (Réus *et al.*, 2016).

Elementos metodológicos da pesquisa

O estudo se caracteriza como descritivo, pois busca apresentar as práticas de sustentabilidade adotadas pelas vitivinícolas integrantes dos Vales da Uva Goethe, por meio da observação, análise e interpretação dos fatos, sem a interferência do pesquisador (Andrade, 2010).

A abordagem utilizada foi qualitativa, tendo em vista que facilita a descrição da complexidade de uma hipótese ou problema, a análise da interação de variáveis e a compreensão e classificação dos processos dinâmicos (Oliveira, 1999).

Como procedimento foi empregado estudo de caso, por analisar um fenômeno em seu contexto (Yin, 2015), realizado em 3 (três) indústrias vinícolas das 5 (cinco) que integram a ProGoethe (Associação dos Produtores da Uva e do Vinho Goethe da Região de Urussanga), uma vez que estas organizações também realizam o plantio da uva.

Para coleta de dados fez-se uso de entrevista semiestruturada, por apresentar flexibilidade em sua estrutura e questões abertas como possibilidade de explorar o tema investigado (Richardson, 2017). As entrevistas foram aplicadas com um gestor de cada vitivinícola pesquisada, agendadas, antecipadamente, por e-mail e contato telefônico e realizadas *in loco*, no período de fevereiro e abril de 2018. Foi esclarecido aos participantes que a participação na pesquisa era de forma totalmente voluntária e que estes tinham direito de desistir em qualquer momento.

O guia da entrevista contemplava 4 seções que foram adaptadas dos estudos de Callado (2010), Correia (2015) e Lopes (2015) e tratavam da caracterização das vitivinícolas e das práticas de sustentabilidade, as quais foram subdivididas em 3 categorias. A categoria 1 - sustentabilidade ambiental, contemplava 16 itens: uso de substâncias químicas no processo produtivo (Correia, 2015; Lopes, 2015); compostagem e adubação verde (Correia, 2015); consumo de água (Correia,

2015; Lopes, 2015); tratamento de efluentes líquidos (Correia, 2015; Lopes, 2015); tratamento de resíduos orgânicos (Correia, 2015; Lopes, 2015); reutilização de embalagens (Correia, 2015; Lopes, 2015), gestão de resíduos/coleta seletiva (Correia, 2015; Lopes, 2015); SGA (Callado, 2010; Correia, 2015); educação ambiental (Callado, 2010); certificação ambiental (Correia, 2015); e, adequação a legislação ambiental (Callado, 2010).

A categoria 2 - sustentabilidade sociocultural, abarcou 8 questões relacionadas à educação, treinamento, segurança no trabalho, geração de emprego, política de distribuição de lucros, equidade de gênero, desenvolvimento local, preservação de valores culturais (Callado, 2010). Na categoria 3 - sustentabilidade econômica, foram pesquisados 6 itens, tais como: participação de mercado (Callado, 2010); investimentos em tecnologias limpas e ecologicamente equilibradas (Callado, 2010; Correia, 2015); investimento cultural e na comunidade (Callado, 2010); e, selo de qualidade (Callado, 2010).

Para cada item do questionário foi solicitado aos gestores que apontassem a intensidade das práticas de sustentabilidade adotadas pela organização dentro de uma escala *Likert* de 5 (cinco) pontos, que considerou o número 1 como “não ocorre essa prática”; 2 “quase não ocorre”; 3 “ocorre pouco”; 4 “ocorre”; e 5 “ocorre muito”.

Além de responder aos questionamentos semiestruturados, os entrevistados tiveram a oportunidade de fazer suas considerações, as quais foram anotadas, transcritas e relatadas nesse artigo. Após compilados os dados, os resultados da pesquisa retornaram aos entrevistados, por e-mail, a fim de autorizar sua publicação.

Com a finalidade de preservar o sigilo das informações e resguardar a integridade das vitivinícolas investigadas, estas foram denominadas nesse estudo como Alfa, Beta e Gama.

Apresentação e discussão dos resultados

Nessa seção são apresentados os resultados da pesquisa, subdivididos em: caracterização das organizações e do processo de gestão; e análise da sustentabilidade nas dimensões: ambiental, sociocultural e econômica.

Caracterização das organizações e do processo de gestão

As três vitivinícolas pesquisadas se localizam no município de Urussanga, em Santa Catarina (SC), que foi colonizado em 1878 por imigrantes italianos que trouxeram as primeiras vinhas. Esse município concentra a maioria das vinícolas dos Vales da Uva Goethe e tem destaque no mercado de vinho produzido por suas vinícolas e produtores artesanais, apresentando diversidade do produto e de marcas (Prefeitura de Urussanga, 2018).

No ano de 2005 os produtores do vinho Goethe desse município fundaram a ProGoethe com o objetivo de unir os produtores e a missão de “promover e elevar a uva e o vinho Goethe da região de Urussanga ao status de um produto nobre - especial junto ao público consumidor” (ProGoethe, 2016). Em 2012, essa

associação obteve a concessão do registro IP (Indicação de Procedência), junto ao INPI (Instituto Nacional da Propriedade Industrial), tornando-se a primeira Indicação Geográfica de Santa Catarina (Vieira, Bruch, Neto & Felisberto, 2014).

As vitivinícolas investigadas apresentam características semelhantes em relação à estrutura organizacional e ao processo de gestão, sobretudo, no que se refere ao tamanho, de pequeno porte, e a gestão dos negócios que é realizada por membros da família. Todas possuem quadro de colaboradores composto por 4 funcionários e 2 gestores.

De modo geral, a produção de uva dessas organizações não é suficiente para a fabricação de vinhos, fato que requer que essas vitivinícolas adquiram uva de outras localidades, como das serras gaúcha e catarinense. A empresa Alfa possui 2 hectares destinados ao plantio de uva, que atende 30% da sua produção; a Beta tem 4 hectares para plantação de uva, que corresponde a 10% de sua necessidade, porém a partir de 2018 não efetuou mais o plantio de uva; a Gama apresenta exceção nesse quesito, pois tem 12 hectares destinados ao plantio da uva que atendem 85% da sua produção de vinho.

A vitivinícola Alfa foi fundada na década de 1970 no intuito de seguir a tradição de família e, assim, ocupar espaço na região no ramo da vitivinicultura. Apresenta produção de aproximadamente de 30 mil litros de vinho ao ano. Atua no mercado interno com diversas linhas de vinho: vinho de mesa (colonial), seco e demi-sec, espumante e frisante. Seus clientes são: pessoas físicas, supermercados e restaurantes.

A Beta, fundada em 1960, foi registrada oficialmente somente em 2002, apresenta produção e venda de 200 mil litros de vinho, 50 mil litros de suco e 3 mil litros de espumantes. Atua somente na região sul de Santa Catarina, vendendo principalmente para mercados, minimercados, restaurantes e, muito pouco, para consumidor final.

A Gama foi fundada em 1975 e fabrica vinhos suaves, vinhos envelhecidos, espumantes e frisantes. Apresenta participação no mercado nacional com foco nas vendas para pessoas físicas.

As três vitivinícolas apresentam perfil de gestores com forte ligação familiar, sendo que os entrevistados são da 2ª geração na vitivinícola Alfa, com 46 anos; e de 3ª geração na Beta e Gama, com 26 e 34 anos, respectivamente. Quanto à formação, constatou-se que todos possuem formação superior, nas áreas de administração de empresas (Alfa e Gama) e engenharia de produção (Beta). O gestor da empresa Alfa tem especialização na área de gestão e o da Gama possui três especializações em administração, *marketing* e enologia. Todos entrevistados são do sexo masculino, com tempo de atuação desde 2009 nas vitivinícolas Alfa e Beta e desde 2007 para o gestor da Gama.

Foi possível perceber que apesar de mostrarem características muitos semelhantes em relação à estrutura e processo de gestão, as vitivinícolas apresentam estratégias de atuação no mercado diferenciadas. A Alfa alia as vendas e produção de vinho com o turismo e promoção de eventos; a Beta tem enfoque na produção de vinhos de mesa de baixo preço e suco de uva; e a Gama atua também no mercado de vinhos finos com maior valor agregado.

Análise das práticas de sustentabilidade

Para analisar as práticas de sustentabilidade das empresas investigadas fez-se a categorização nas dimensões ambiental, sociocultural e econômica conforme apresentado na sequência.

Na dimensão ambiental foram analisados 16 itens,

incluindo o questionamento sobre multas e infrações ambientais. A Tabela 1 apresenta os resultados das práticas de sustentabilidade ambiental.

Tabela 1.
Práticas de sustentabilidade na dimensão ambiental

Itens /Escala	Alfa					Beta					Gama				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
1. Uso de agrotóxicos e fertilizantes			1					1					1		
2. Realiza compostagem			1		1								1		
3. Adubação verde (plantio de leguminosas)				1	1										1
4. Licença de funcionamento/ operação					1					1					1
5. Tratamento das cascas da uva, do bagaço, bora do vinho					1			1					1		
6. Tratamento de efluentes (água)	1							1		1					
7. Reutilização de garrafas/Vasilhas		1						1		1					
8. Uso de protocolos para higiene				1						1	1				
9. Reutilização da água	1				1						1				
10. Captação da água da chuva	1				1						1				
11. Coleta seletiva				1				1							1
12. Desenvolvimento de tecnologias equilibradas	1				1						1				
13. Sistema de Gestão Ambiental	1				1						1				
14. Educação ambiental formalizada	1				1						1				
15. Certificações ambientais	1				1						1				
Soma	7	1	2	3	2	8	-	3	2	2	9	1	2	-	3

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Embora no processo de produção da uva sejam aplicados fungicidas e inseticidas nos parreirais (Réus *et al.*, 2016), no item uso de agrotóxicos e fertilizantes todos os respondentes indicaram que utilizam a quantidade mínima possível e se necessário aplicam o que é recomendado pelo engenheiro agrônomo responsável.

Quanto à realização de compostagem e adubação verde a vitivinícola Beta não realiza, tendo em vista que a plantação de uva é pouco significativa, logo prefere comprar adubo pronto e utiliza os resíduos para alimentação de gado. As outras duas empresas praticam pouco a compostagem, sobretudo, com o uso dos resíduos do vinho e da casca da uva. Porém, a adubação verde, que consiste no plantio de leguminosas para enriquecimento do solo, foi apontada

como ocorre na Alfa e ocorre muito na Gama.

Todos os respondentes indicaram que possuem tratamento para casca e bagaço da uva e bora do vinho, sendo que na vitivinícola Alfa isso ocorre com maior intensidade transformando esses resíduos em *Grappa*, bebida alcóolica de origem italiana feita a partir do bagaço da uva, e como adubo. Na Beta esses resíduos são utilizados para alimentação do gado e existe um projeto para reaproveitamento do bagaço da uva na produção de doces, contudo é preciso efetuar estudo do mercado para verificar a viabilidade desse novo negócio.

Esses resultados convergem com os achados de Réus *et al.* (2016), que identificaram que uma parte da casca da uva é destinada a fabricação de vinagre colonial por comunidades próximas à vinícola analisada e o restante utilizado como adubo. Britto (2016) observou que após a produção e comercialização de uva e vinhos orgânicos, houve mudança no tratamento dos resíduos da uva na Cooperativa Vinícola Garibaldi. Anteriormente estes eram destinados à incorporação do solo, que poderiam ocasionar problemas quando colocados em locais inapropriados como perto de nascentes e arroios, e passaram a ser negociados com empresas que os reciclam transformando-os em ração animal (Britto, 2016).

As três empresas possuem licença de funcionamento, tais como alvará, registro no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), licenciamento ambiental emitido pela FATMA - IMA (Instituto do Meio Ambiente de Santa Catarina), órgão ambiental estadual. Os resultados, também, apontam que nenhuma das empresas apresentou multas ou infrações de ambientais.

Quanto ao tratamento de efluentes, o gestor da vitivinícola Alfa não soube responder essa questão; na Beta há um sistema de tratamento desenvolvido com bambu; e na Gama, como está localizada na área central da cidade, utiliza o sistema de tratamento da SAMAE (Serviço Autônomo Municipal de Água e Esgoto). Réus *et al.* (2016) também constataram que tanto as águas utilizadas para a limpeza da tina de cerâmica e das garrafas reaproveitadas são descartadas no terreno da vinícola, as quais contém produtos como *Hidrozam* e soda, respectivamente.

Para a vitivinícola Alfa quase não ocorre a reutilização de garrafas; enquanto que na Beta ocorre a reutilização. Nas duas empresas os gestores responderam que são utilizados produtos de higienização específicos para a indústria alimentícia. O gestor da Gama informou que a empresa opta em adquirir essas embalagens esterilizadas. Do mesmo modo, foi constatado no estudo de Correia (2015) que uma das práticas ambientais pouco implementadas pelas vinícolas refere-se a utilização de vidros reciclados e garrafas mais leves.

Constatou-se que nenhuma dessas vitivinícolas reutiliza água ou realiza a captação da água da chuva. Os respondentes indicaram que o consumo de água é pequeno em torno de 40 a 60 m³ por mês, em média, com elevação nos meses de fevereiro e março quando ocorre o processo de vinificação. Essa constatação vai ao encontro do estudo de Lopes (2015) que registrou que o período de maior consumo de água ocorre na época das vindimas. Observou-se que na Alfa a água utilizada é de fonte própria e para o respondente da vitivinícola Gama a empresa tem a intenção de realizar investimento para captação da água da chuva e energia solar, contudo atualmente o benefício econômico que será obtido com essa tecnologia não justifica o custo para sua implantação.

Todos os gestores indicaram que a coleta seletiva é realizada, sobretudo na vitivinícola Gama, que contrata empresa terceirizada para realizar o recolhimento. Ademais, o respondente dessa empresa afirmou que não há sistema de

educação ambiental formalizado, mas faz parte da cultura organizacional instruir os funcionários para essas práticas, por exemplo, a coleta seletiva.

Com a realização das entrevistas foi possível perceber que os gestores que apresentam perfil mais jovem, os quais fazem parte da 3ª geração familiar, mostraram maior conscientização em relação às práticas de sustentabilidade de cunho ambiental, principalmente, no que remete ao desenvolvimento de tecnologias equilibradas. O gestor da vitivinícola Beta mostrou que a empresa está tentando reduzir o consumo de água no processo de higienização das garrafas. Na Gama há a intenção de desenvolver sistema para captação da água da chuva e iluminação solar.

Com base nesses dados foi possível inferir que as práticas de sustentabilidade na dimensão ambiental atendem as exigências legais e normativas. Esses resultados vão ao encontro dos achados de Borges *et al.* (2014), uma vez que nas vinícolas investigadas as normas prescritivas na Lei n.º 9.605/1998 e as práticas estabelecidas pelos órgãos fiscalizadores são cumpridas. Tais vinícolas indicaram preocupação com a conservação do meio ambiente, mesmo não apresentando interesse em obter a certificação ISO 14.001 (Borges *et al.*, 2014).

Infere-se que a forma de atuação ambiental por parte das vitivinícolas investigadas consiste na reatividade ambiental, pois implementam mudanças mínimas obrigatórias para cumprimento dos requisitos legais, conforme preconiza Ryszko (2016).

Na Tabela 2 são expostos os resultados obtidos na esfera sociocultural, que contemplou 8 itens.

Com as entrevistas foi possível perceber que as três vitivinícolas empregam trabalhadores da região. Contudo, não há política para contratação de mulheres, idosos, portadores de necessidades especiais. Também não há auxílio para educação dos funcionários e os treinamentos realizados são voltados principalmente para capacitação na produção do vinho, conforme ressaltou o gestor da empresa Gama. Também não ocorre distribuição de lucros nessas empresas.

No item padrão de segurança no trabalho os entrevistados apontaram que ocorre (Alfa e Beta) e ocorre muito (Gama). Na vitivinícola Beta os colaboradores são uniformizados, utilizam os materiais de proteção e segurança indicados pelo Ministério do Trabalho, como luvas e óculos. O gestor da Gama ressaltou que possui laudo emitido por empresa especializada em segurança do trabalho que aponta que não há necessidade de uso desses equipamentos na atividade vitivinícola, porém a empresa fornece aos seus funcionários.

Quando questionados se essas organizações possuem ações que visam o desenvolvimento da comunidade local e se incentivam atividades culturais, os respondentes da Alfa e Gama indicaram que essas ações ocorrem muito, devido a participação na ProGoethe. Destaca-se que os associados à ProGoethe têm participação ativa nos eventos do município e da região que envolvem o vinho e a cultura italiana, tais como: Vindima, Festa do Vinho, Feira AgroPonte - Agronegócio e Agricultura Familiar e festas das comunidades locais. O gestor da Beta entende que essas práticas ocorrem as vezes e ocorrem pouco, quando desvincula essa análise aos eventos que a ProGoethe participa.

Tabela 2.
Práticas de sustentabilidade na dimensão sociocultural

Itens /Escala	Alfa			Beta					Gama						
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
1. Auxílio em educação e treinamento	1					1					1				
2. Padrão de segurança no trabalho				1					1						1
3. Existe uma política de contratação para mão de obra local?					1					1					1
4. Existe uma política de contratação de mulheres, idosos e portadores de necessidades especiais?	1					1					1				
5. Possui ações que visam o desenvolvimento da comunidade local?					1		1								1
6. Políticas de distribuição de lucros	1						1					1			
7. Incentiva atividades culturais?					1			1							1
8. Incentiva a venda de produtos e serviços produzidos/oferecidos da região?					1	1					1				
Soma	3	0	0	1	4	4	1	1	1	1	4	0	0	0	4

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Além disso, constatou-se que a Alfa promove cursos de mosaico, exposição de artistas locais e vende produtos e serviços produzidos na região, como por exemplo, licor, cerâmica, mel, geleia, uma vez que possui vínculo com a atividade de turismo. O gestor da entidade Gama sinalizou que a vitivinícola está passando por reforma no intuito de atender as demandas do turismo e há planejamento para construir uma sala específica para venda de artesanato local.

Esses resultados indicam que as práticas de sustentabilidade na dimensão sociocultural também atendem as exigências legais e normativas. Entretanto, percebe-se que a associação dessas vitivinícolas à ProGoethe fortalece muito às práticas de cunho sociocultural e a contribuição dessas organizações no desenvolvimento da região. Essas constatações corroboram com o estudo de Vieira, Neto, De Sá Freire e Zilli (2016), no qual os autores concluíram que a institucionalização das IG traz vantagens competitivas e, também, contribui com o desenvolvimento socioeconômico regional, traz oportunidades de organização da cadeia produtiva, para aprofundar e compartilhar conhecimentos, estabelecer critérios técnicos de produção, melhoria da

qualidade dos produtos e, promover o desenvolvimento social, cultural e econômico regional.

Rauta *et al.* (2014) perceberam pelo estudo realizado que o processo de produção biodinâmica refletiu no aspecto social, sobretudo, em relação à melhoria na qualidade de vida, considerando desde o cultivo até o fornecimento do alimento livre de agrotóxicos. Do mesmo modo, Britto (2016) constatou pelas entrevistas com os gestores da Cooperativa Vinícola Garibaldi, que apesar da pequena participação dos produtos orgânicos no faturamento da empresa os ganhos econômicos e sociais refletiram no bem-estar dos cooperados nas questões de saúde, entendidas como qualidade de vida.

Os resultados obtidos na dimensão econômica são apresentados na Tabela 3.

Tabela 3.
Práticas de sustentabilidade na dimensão econômica

Itens / Escala	Alfa					Beta					Gama				
	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
1. Poder de negociação em relação ao preço da uva	1						1					1			
2. Investimentos em tecnologias limpas	1						1					1			
3. Realiza algum tipo de investimento ambiental?	1						1					1			
4. Realiza algum tipo de investimento cultural?			1					1						1	
5. Participação no mercado		1						1					1		
6. Selos de qualidade					1	1									1
Soma	3	1	1	0	1	3	2	1	0	0	3	1	1	0	1

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A participação no mercado dessas organizações é reconhecida pelos gestores como pequena e estas empresas atuam somente no mercado interno. A Alfa possui participação regional, suas vendas focalizam principalmente pessoas físicas que praticam o enoturismo, atendem as pessoas jurídicas com venda de brindes personalizados de final de ano e representam pequena participação em restaurantes e supermercados da região. A Beta atende a região sul de Santa Catarina, de Florianópolis a Araranguá, e direciona suas vendas para mercados, minimercados e restaurantes, sobretudo, para venda de sucos, por meio de representantes e distribuidores, atendendo pouco as pessoas físicas diretamente. As vendas da Gama enfocam as pessoas físicas, com participação nacional,

sendo de aproximadamente 70% em Santa Catarina e 30% eixo Rio de Janeiro e São Paulo.

Os resultados da pesquisa evidenciaram que as vitivinícolas associadas à ProGoethe não possuem poder de negociação em relação ao preço da uva e das embalagens (garrafas). O respondente da vitivinícola Gama informou que no Brasil existem apenas duas fábricas de garrafas e devido ao pequeno porte da vinícola em relação às empresas e cooperativas produtoras de vinhos localizadas no Estado do Rio Grande do Sul, elas não apresentam poder de negociação. Do mesmo modo, essa situação foi explanada pelo gestor da Beta em relação ao fornecimento da uva.

Quando questionados se há interesse em união, por meio de cooperativa, para efetuar a compra dessa matéria-prima e de embalagens, o gestor da empresa Alfa informou que mesmo considerando todos os produtores de vinhos da região a quantidade adquirida de uva não é suficiente para conseguir melhores preços. O respondente da Gama sinalizou que já ocorreu tentativa para aquisição de embalagens em conjunto. Contudo, em virtude da falta de capital de giro dessas empresas, muitos produtores optam em comprar apenas o necessário enfraquecendo o processo. O gestor da vitivinícola Gama também apontou dificuldades em unir os produtores de vinhos da região para fortalecimento do processo de compras.

Foi constatado que devido às dificuldades econômicas encontradas pelas três empresas nos últimos não ocorrem investimentos em tecnologias limpas e nas questões de caráter ambiental. O respondente da Gama relatou que a organização realizou investimentos elevados no intuito de modernizar o processo produtivo e ainda não consegue atuar de maneira ambiental conforme gostaria, porém cumpre os requisitos exigidos por lei.

Destaca-se, conforme Alrazi, De Villiers e Van Staden (2015), que a adoção de iniciativas ambientais requer investimentos financeiro, o que de modo geral, restringe as empresas menos lucrativas ou financeiramente instáveis investirem menos em atividades ambientais. Por outro lado, a falta de investimento pode resultar em risco de processos ambientais e decisões arriscadas relacionadas ao meio ambiente.

Em relação ao selo de qualidade, o respondente da Beta indicou que não há. Contudo, tanto o gestor da Alfa como da Gama entendem o selo de Indicação de Procedência (IP) resguarda certo padrão de qualidade aos vinhos produzidos nos Vales da Uva Goethe. Tais resultados convergem com a pesquisa de Correia (2015), na qual os gestores afirmam ser mais importante a certificação do produto do que a SGA. Para Vieira e Pellin (2015), a indicação geográfica possibilita o desenvolvimento territorial à medida que aproveita o conjunto natural da região, o patrimônio histórico, o saber fazer, a colocação dos produtos em mercados dinâmicos, as habilidades artísticas, culinária e a tradição folclórica de uma determinada população, com a finalidade de melhoria da qualidade de vida.

Acredita-se que a oferta de produtos desenvolvidos com tecnologias inovadoras, que possuem certificação de qualidade, selos de procedência, fabricados com matérias-primas orgânicas e de maneira sustentável possibilitam as vinícolas desenvolverem diferenciais no mercado do vinho que é altamente competitivo.

Rauta *et al.* (2014) constataram que a vinícola investigada obteve posição no mercado, mediante a oferta de um produto diferenciado e de alto valor agregado. Nesse mesmo sentido, Britto (2016) observou que a expansão de mercado na Cooperativa Vinícola Garibaldi se deu devido à elaboração de produtos mais sofisticados, como espumantes e vinhos finos, e principalmente do suco de uva integral. Os

ganhos econômicos obtidos pela adoção da estratégia de produção e comercialização de produtos orgânicos, aliada a venda de produtos com maior valor agregado e a melhoria da imagem organizacional contribuíram para o desenvolvimento sustentável da organização.

Outra questão observada no estudo de Britto (2016) se refere à geração de ganhos econômicos compartilhados, ocorridos pela na possibilidade da COOPEG produzir seus sucos de uva orgânicos nas dependências da Cooperativa Garibaldi. A criação de valor compartilhado pode ocorrer pela adoção das estratégias, como: renovação da concepção de produtos e mercados, redefinição da produtividade na sua cadeia de valor e fomento à formação de clusters para apoiar sua atividade nas localidades onde atua (Britto, 2016).

Discussão dos resultados

A pesquisa evidenciou que as vitivinícolas investigadas estão em estágio inicial frente a sustentabilidade, por cumprirem somente as questões regulatórias e normativas (Marshall *et al.*, 2005).

De modo geral, percebeu-se certa fragilidade das vitivinícolas investigadas quanto a sustentabilidade ambiental, pois a soma dos apontamentos no nível 1 (não ocorre essa prática) proposto pela escala utilizada correspondeu a 47%, 53% e 60%, respectivamente para as empresas Alfa, Beta e Gama. Os principais itens elencados neste nível estão relacionados a reutilização e captação de água, tratamento de efluentes (Alfa e Gama), desenvolvimento de tecnologias equilibradas; SGA, educação ambiental formalizada e certificações ambientais.

Os aspectos relacionados à água chamam a atenção, pois conforme destacado por Marshall *et al.* (2005) a escassez de água e de energia, escoamento de águas residuais, destinação dos resíduos orgânicos e materiais de embalagem não perigoso, são os problemas ambientais mais sérios relacionados às indústrias vinícolas. Principalmente em áreas agrícolas, nas quais algumas propriedades dependem de poços para uso de água potável (Marshall *et al.*, 2005).

Quanto à falta de adoção de um SGA, descansa-se que pode ser algo comum no setor vinícola. A pesquisa de Correia (2015) apontou que os gestores consideram mais importante a certificação do produto do que a SGA, uma vez que as empresas certificadas são líderes no mercado e obtêm benefícios como exportação do vinho.

Na esfera sociocultural há evidência de fragilidades, sobretudo, nas questões relacionadas ao auxílio educação e treinamento, política relacionadas aos grupos minoritários e de distribuição de lucros. O vínculo com a ProGoethe e obtenção do IG tornaram-se um diferencial para as vitivinícolas, sobretudo, pela contribuição para o desenvolvimento regional.

No aspecto econômico, observou-se que o tamanho das empresas é fator chave para o fortalecimento da sustentabilidade no setor. Estes achados corroboram com Correia (2015), pois constatou que as vinícolas que fabricam vinhos convencionais e deixam de desenvolver ações para promover a sustentabilidade, geralmente, atuam há pouco tempo no mercado, não havendo metas definidas neste aspecto, ou são de pequeno porte.

Este estudo apresenta contribuição prática, pois ao evidenciar como as vitivinícolas estão posicionadas em relação às questões de sustentabilidade sinaliza a necessidade de adaptação para enfrentar os desafios futuros, como exigência dos consumidores, pressão dos concorrentes, regulamentação, escassez de recursos como água e outros. A compreensão das externalidades causadas pelas atividades das vitivinícolas contribui para que estas empresas estejam preparadas para futuras regulamentações do setor, evidenciem a responsabilidade socioambiental aos consumidores e identifiquem oportunidades de inovação e redução do consumo de recursos (Merli *et al.*, 2018).

Além disso, foi possível perceber que o investimento em métodos de produção que se diferem dos tradicionais, com vistas à sustentabilidade, gera vantagem competitiva pela diferenciação dos produtos (Rauta *et al.*, 2014). O estudo de Britto (2016) revelou algumas evidências de sustentabilidade na gestão da Cooperativa Vinícola Garibaldi após a adoção da estratégia de produção de vinhos orgânicos, como: ações voltadas à racionalidade do uso da água, investimentos para tratamento dos efluentes, reciclagem de materiais, troca da queima de óleo por gás natural e opção pelo mercado livre de energia elétrica. A adoção de práticas orgânicas permite elevação dos preços e, conseqüentemente, aumento nos lucros (Fanasch & Frick, 2020).

A contribuição teórica da pesquisa está pautada na lacuna identificada pela literatura quanto à necessidade de investigar os custos *versus* benefícios sobre a adoção de produção orgânica e/ou biodinâmica (Correia, 2015; Fanasch & Frick, 2020; Rauta *et al.*, 2014). Conforme Marshall *et al.* (2005) esta relação é um fator relevante e impacta nas práticas de gestão ambiental.

A pesquisa buscou, ainda, discutir aspectos de sustentabilidade econômica e sociocultural, temas poucos explorados pela literatura.

Considerações Finais

O estudo objetivou investigar as práticas de sustentabilidade adotadas nas vitivinícolas dos Vales da Uva Goethe, nas esferas ambiental, sociocultural e econômica.

Foi possível observar que, em virtude do porte dessas entidades, são poucas as ações de cunho ambiental desenvolvidas voluntariamente. Contudo, as três vinícolas procuram seguir os protocolos recomendados em relação ao uso de agrotóxicos, limpeza e higiene dos vasilhames, entre outras exigências legais e normativas. Esses achados vão ao encontro dos resultados da pesquisa de Alrazi *et al.* (2015), pelos quais foi possível constatar que empresas maiores, com abrangência internacional, as que estão mais próximas dos consumidores finais, que recebem apoio da alta gerência, aparentam estar mais envolvidas com a proatividade ambiental.

Quanto aos investimentos em tecnologias limpas se observou que ainda são incipientes, tendo em vista que algumas ainda estão investindo na modernização do processo produtivo. Não foram observados SGA e práticas de educação ambiental formalizados. As vitivinícolas não possuem certificações ambientais, porém não incorrem em multas ou passivos ambientais.

Nas questões socioculturais, o número de colaboradores empregados por essas vitivinícolas é pequeno, contudo todos são da região. Não há formalização de incentivo a educação, saúde dos colaboradores. No entanto, verificou-se forte ligação dessas vitivinícolas com a cultura local, sobretudo devido à colonização italiana.

Nos aspectos econômicos ainda é preciso que ocorra fortalecimento, principalmente, em relação à sua participação no mercado. Observou-se que as estratégias de atuação no mercado são diferenciadas, logo essas vinícolas poderiam se unir em forma de cooperativa para fortalecimento no que tange a ampliação do poder de negociação e compra e oferta de produtos diferenciados e com maior valor agregado, bem como para adoção de estratégia ambiental proativa.

A partir desses resultados se pode concluir que estas empresas precisam ir além das exigências legais para alcançarem a sustentabilidade nas três esferas: ambiental, econômica e sociocultural. Uma forma disso se concretizar é por meio da adoção de estratégia ambiental proativa, que para Ryszko (2016) permite as empresas alinharem suas estratégias ao ambiente externo complexo e incerto, de modo a oportunizar o desenvolvimento de vantagens competitivas.

A pesquisa apresenta algumas limitações, como: a abrangência da investigação contemplou somente três vitivinícolas que são associadas à ProGoethe; a análise das práticas de sustentabilidade se limitou à percepção dos gestores; e, uso de escala *Likert* de 5 pontos para mensurar a intensidade das práticas de sustentabilidade realizadas.

Deixa-se como sugestão para futuras pesquisas: a) ampliação desse estudo aos demais produtores de vinhos da região, incluindo os informais e que fabricam o vinho de maneira artesanal; b) realização de estudo mais aprofundado no intuito de analisar os impactos ambientais ocasionados pela fabricação de vinho em cada etapa do ciclo de vida, desde o crescimento da videira, vinificação, distribuição e envase, conforme sugerem Merli *et al.* (2018); c) utilização da Teoria Institucional para analisar como as práticas ambientais se relacionam com as exigências do ambiente externo e sua vinculação com as estratégias organizações, de acordo com a proposta por Borges *et al.* (2014); d) investigar os fatores que levam a adoção de práticas ambientais proativas na indústria vinícola; e, e) compreender os motivos que levam os produtores de vinho a não se unirem em cooperativa para fortalecimento sustentável.

Referências

- Academia do Vinho. (2018). *Brasil - Santa Catarina*. Recuperado em 08 fevereiro, 2018, de http://www.academiadovinho.com.br/_mod_regiao.php?reg_num=BR
- Alrazi, B., De Villiers, C., & Van Staden, C. J. (2015). A comprehensive literature review on, and the construction of a framework for, environmental legitimacy, accountability and proactivity. *Journal of Cleaner Production*, 102, 44-57. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2015.05.022>
- Amaral, J. D. (2000). *O grande livro do vinho*.
- Andrade, M. M. D. (2010). Introdução à metodologia do trabalho científico.
- Ateş, M. A., Bloemhof, J., Van Raaij, E. M., & Wynstra, F. (2012). Proactive environmental strategy in a supply chain context: the mediating role of investments. *International Journal of Production Research*, 50(4), 1079-1095. <https://doi.org/10.1080/00207543.2011.555426>
- Barbieri, J. C. & Cajazeira, J. E. R. (2009). *Responsabilidade social empresarial e empresa sustentável*.
- Borges, D. E., Dutra, L. C., & Scherer, F. L. (2014). Meio ambiente e estratégia: um estudo multicaso no setor vitivinícola da região central do Rio Grande do Sul sob a perspectiva da teoria institucional. *Revista de Administração da UFSM*, 7. <https://doi.org/10.5902/1983465911358>
- Britto, J. C. (2016). A estratégia de Criação de Valor Compartilhado na atividade vitivinícola orgânica: um estudo de caso da Cooperativa Vinícola Garibaldi Ltda. Recuperado em 06 abril, 2018, de <https://univates.com.br/bdu/handle/10737/1103>
- Callado, A. L. C. (2010). Modelo de mensuração de sustentabilidade empresarial: uma aplicação em vinícolas localizadas na Serra Gaúcha. Recuperado em 10 dezembro, 2017, de <http://hdl.handle.net/10183/26743>
- Cholette, S., & Venkat, K. (2009). The energy and carbon intensity of wine distribution: A study of logistical options for delivering wine to consumers. *Journal of Cleaner Production*, 17(16), 1401-1413. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2009.05.011>
- Christ, K. L., & Burritt, R. L. (2013a). Critical environmental concerns in wine production: an integrative review. *Journal of Cleaner Production*, 53, 232-242. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2013.04.007>
- Christ, K. L., & Burritt, R. L. (2013b). Environmental management accounting: the significance of contingent variables for adoption. *Journal of Cleaner Production*, 41, 163-173. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2012.10.007>
- Correia, V. S. (2015). *Avaliação de instrumentos e práticas de gestão ambiental em organizações do setor vitivinícola* (Doctoral dissertation). Recuperado em 01 maio, 2018, de <http://hdl.handle.net/10362/14195>
- Diaz-Sarachaga, J. M., Jato-Espino, D., & Castro-Fresno, D. (2018). Is the Sustainable Development Goals (SDG) index an adequate framework to measure the progress of the 2030 Agenda?. *Sustainable Development*, 26(6), 663-671. <https://doi.org/10.1002/sd.1735>
- Fanasch, P., & Frick, B. (2020). The value of signals: Do self-declaration and certification generate price premiums for organic and biodynamic wines?. *Journal of Cleaner Production*, 249, 119415. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2019.119415>

- Lopes, A. (2015). *Gestão ambiental de uma empresa do sector vinícola* (Doctoral dissertation). Recuperado em 01 maio, 2018, de <http://hdl.handle.net/10198/12637>
- Marshall, R. S., Cordano, M., & Silverman, M. (2005). Exploring individual and institutional drivers of proactive environmentalism in the US wine industry. *Business Strategy and the Environment*, 14(2), 92-109. <https://doi.org/10.1002/bse.433>
- Merli, R., Preziosi, M., & Acampora, A. (2018). Sustainability experiences in the wine sector: toward the development of an international indicators system. *Journal of cleaner production*, 172, 3791-3805. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2017.06.129>
- Oliveira, S. L. (1999). *Tratado de metodologia científica: projetos de pesquisas, TGI, TCC, monografias, dissertações e teses*. Pioneira.
- Pereira, A. C., da Silva, G. Z., & Carbonari, M. E. E. (2017). *Sustentabilidade, responsabilidade social e meio ambiente*. Editora Saraiva.
- Prefeitura de Urussanga. (2018). *Turismo*. Recuperado em 01 maio, 2018, de <http://www.urussanga.sc.gov.br/turismo/> >
- Progoethe. (2016). *Associação dos Produtores da Uva e do Vinho Goethe da Região de Urussanga*. Recuperado em 15 outubro, 2016, de <http://www.proGoethe.com.br/>
- Rauta, J., Fagundes, J. R., & Sehnem, S. (2014). Gestão ambiental a partir da produção biodinâmica: uma alternativa à sustentabilidade em uma vinícola catarinense. *Revista de Gestão Ambiental e Sustentabilidade*, 3(3), 135-154. Recuperado em 01 maio, 2018, de <https://www.redalyc.org/pdf/4716/471647055010.pdf>
- Réus, V. M., Zilli, J. C., & Vieira, A. C. P. (2016). Sustentabilidade na produção artesanal de vinho nos Vales da Uva Goethe-Santa Catarina. *Revista NECAT-Revista do Núcleo de Estudos de Economia Catarinense*, 5(10), 31-57. Recuperado em 12 janeiro, 2018, de <http://stat.cbsm.incubadora.ufsc.br/index.php/necat/article/view/4473/4778>
- Ryszko, A. (2016). Proactive environmental strategy, technological eco-innovation and firm performance—Case of poland. *Sustainability*, 8(2), 156. <https://doi.org/10.3390/su8020156>
- Richardson, R. J. (2017). Pesquisa Social: métodos e técnicas. rev. atual. e ampl. *São Paulo: Atlas*.
- Sachs, J. D. (2012). From millennium development goals to sustainable development goals. *The Lancet*, 379(9832), 2206-2211. [https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(12\)60685-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(12)60685-0)
- Salvia, A. L., Leal Filho, W., Brandli, L. L., & Griebeler, J. S. (2019). Assessing research trends related to Sustainable Development Goals: Local and global issues. *Journal of cleaner production*, 208, 841-849. <https://doi.org/10.1016/j.jclepro.2018.09.242>
- Sampedro, E. L. V., Sanchez, M. B. G., Lopez, J. C. Y., & Gonzalez, E. R. (2010). The environment as a critical success factor in the wine industry: Implications for management control systems. *Journal of Wine Research*, 21(2-3), 179-195. <https://doi.org/10.1080/09571264.2010.530102>
- Sangle, S. (2010). Empirical analysis of determinants of adoption of proactive environmental strategies in India. *Business Strategy and the Environment*, 19(1), 51-63. <https://doi.org/10.1002/bse.651>
- Silva, C. L. D. (2006). Desenvolvimento sustentável: um modelo analítico integrado e adaptativo. *Petrópolis, RJ: Vozes*, 123-134.
- Steur, H., Temmerman, H., Gellynck, X., & Canavari, M. (2019). Drivers, adoption, and evaluation of sustainability practices in Italian wine SMEs. *Business Strategy and the Environment*. <https://doi.org/10.1002/bse.2436>
- Valenzuela, L., & Maturana, S. (2016). Designing a three-dimensional performance measurement system (SMD3D) for the wine industry: A Chilean example. *Agricultural Systems*, 142, 112-121. <https://doi.org/10.1016/j.agsy.2015.11.011>
- Vellani, C. L., & de Souza Ribeiro, M. (2009). Sustentabilidade e contabilidade. *Revista Contemporânea de Contabilidade*, 6(11), 187-206. <https://doi.org/10.5007/2175-8069.2009v6n11p187>
- Vieira, A. C. P., Bruch, K. L., Neto, R. J., & Felisberto, Z. (2014). A INDICAÇÃO GEOGRÁFICA COMO INSTRUMENTO DE PROMOÇÃO PARA O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO: CASO DA INDICAÇÃO DE PROCEDÊNCIA DOS VALES DA UVA GOETHE-SC. *Seminário de Ciências Sociais Aplicadas*, 4(4). Recuperado em 06 maio, 2018, de <http://periodicos.unesc.net/seminariocsa/article/view/1448/1369>
- Vieira, A. C. P., & Pellin, V. (2015). As indicações geográficas como estratégia para fortalecer o território: o caso da indicação de procedência dos vales da uva Goethe. *Desenvolvimento em Questão*, 13(30), 155-174. <https://doi.org/10.21527/2237-6453.2015.30.155-174>
- Vieira, A. C. P., Neto, R. J., de Sá Freire, P., & Zilli, J. C. (2016). Vales da uva Goethe: uma análise do processo de institucionalização da indicação geográfica para o

desenvolvimento socioeconomico. *Revista GEINTEC-Gestão, Inovação e Tecnologias*, 6(1), 2894-2908.
<https://doi.org/10.47059/geintecmagazine.v6i1.622>

Yin, R. K. (2015). Estudo de Caso-: *Planejamento e métodos*. Bookman editora.